

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.003



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

APLICAÇÕES DA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DA SOBERANIA DE DEUS SOBRE A ORAÇÃO

Applications of the biblical foundation of God's sovereignty on prayer

Remígio Carlos Murela Nloco¹

RESUMO

O escrito deste texto desenvolveu argumentos que apontam para as implicações da soberania de Deus na prática da oração. Para isso, elegeu-se como problema a seguinte pergunta: como a soberania de Deus pode ser identificada na prática da oração e quais suas implicações na vida do cristão? A metodologia da pesquisa assumiu a abordagem qualitativa e o tipo bibliográfico e explicativo, uma vez que apresentou conceitos e características frente às intercorrências do princípio da soberania na prática da oração.

Palavras-chave: Soberania. Prática da oração. Vida cristã.

ABSTRACT

This text has developed arguments that point to the implications of God's sovereignty in the practice of prayer. To this end, the following question was chosen as the problem: how can God's sovereignty be identified in the practice of prayer and what are its implications for the Christian's life? The research methodology took a qualitative approach and was bibliographical and explanatory, since it presented concepts and

¹ Pastor na Igreja Tabernáculo Aliança da Fé. Licenciado em Teologia pelo Seminário Bíblico e Teológico de Maputo e em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Aberta ISCED, Pós-Graduado em Psicopedagogia, com especialização em História pela Universidade Pedagógica de Maputo, Mestrado em Teologia pela Carolina University. Atualmente é diretor do Instituto Teológico Aliança da Fé, docente na Escola Bíblica da Assembleia de Deus de Moçambique e no Seminário Bíblico e Teológico de Maputo. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico - FORMEB. ORCID - <https://orcid.org/0009-0001-7493-0118>. E-mail: remigionloco@gmail.com

characteristics in relation to the complications of the principle of sovereignty in the practice of prayer.

Keywords: Sovereignty. Practice of Prayer. Christian Life.

INTRODUÇÃO

Na teologia cristã a doutrina da soberania de Deus é uma das pedras angulares e sua fundamentação bíblica é de suma importância para a compreensão da relação entre Deus e a sua criação. Ela aborda a ideia de que Deus é o soberano supremo, detentor do controle absoluto sobre todas as coisas, desde a criação até o destino da história. Essa doutrina está profundamente enraizada nas Escrituras e permeia tanto o Antigo como o Novo Testamento.

Neste artigo, inicia-se uma jornada para explorar o tema da soberania de Deus, a partir da fundamentação bíblica. Para isso, é preciso considerar a narrativa de textos específicos das Escrituras, trazendo o conceito da soberania e sua implicação na vida cristã, identificando passagens-chave que demonstram a autoridade divina sobre a criação e a providência divina ao longo da história. Fica claro como é convidativo contemplar a soberania de Deus e como ela influenciou o pensamento teológico e a prática espiritual ao longo da história da fé cristã.

O objetivo buscado visa desenvolver argumentos que apontem para as implicações da soberania de Deus na prática da oração. Para isso, elege-se como problema a seguinte pergunta: como a soberania de Deus pode ser identificada na prática da oração e quais suas implicações na vida do cristão?

A metodologia da pesquisa assume a abordagem qualitativa e o tipo bibliográfico e explicativo, uma vez que se busca apresentar conceitos, características frente às intercorrências do princípio da soberania na prática da oração.

A soberania de Deus é alvo de debate e exploração ao longo da história da igreja. Neste contexto, a fundamentação bíblica da soberania de Deus é de suma importância. A proposta do capítulo é apresentar textos nas Escrituras Sagradas do Antigo e do Novo Testamento que dão destaque à soberania e a sua relação na prática da oração, também perceber as implicações da soberania para a oração e, por fim descrever as contribuições de teólogos sobre a prática da oração, com a finalidade de estabelecer uma base bíblica e significativa para a compreensão desse princípio: a soberania de Deus.

1. O CONCEITO DE SOBERANIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DA ORAÇÃO

A soberania de Deus faz referência ao domínio absoluto de Deus sobre todas as coisas, visíveis e invisíveis, tanto no céu como na terra, impacta a maneira como o ser humano faz leituras e se relaciona com o Criador e as demais criaturas. Isso porque, é preciso reconhecer que está submisso à vontade de Deus e que se vive para um propósito, que é a sua glorificação. Assim, “nossa tarefa é estar a sós com Deus horas e horas por dia, estudando sua Palavra horas e horas por dia, lendo sobre os homens de Deus que viveram antes de nós horas e horas por dia”.²

² WASHER, Paul. **O Evangelho de Deus & o evangelho do homem**. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 79.

Ao se debruçar no estudo sobre a soberania de Deus, é necessário compreender que se está diante de um dos conceitos mais complexos, contudo, ele pode ser entendido à luz da fé, principalmente, porque está associado ao ato de apropriar-se de uma perspectiva centrada no Criador, não na criatura. Entender essa questão ajuda na percepção da natureza de Deus e na relação com os seres humanos. “Deus está além da criação, mas ao mesmo tempo deseja relacionar-se com ela [...] sua ação pode ser sentida na criação, o que o torna imanente, mas ao mesmo tempo soberano em suas decisões”.³

Para melhor percepção do conceito de soberania, importa mergulhar na sua definição, explorando em diversas abordagens a sua aplicação, no sentido de entender que sua aceção pode variar, de acordo com o contexto em que é empregada. Cabe esclarecer que o princípio da soberania de Deus vai além do que a sociedade estabelece como definição para essa palavra, contudo, pode ajudar no processo de entendimento de seu grau e alcance, visto que pode ser usado para desvendar a natureza da soberania de Deus.

No contexto da sociedade em geral, a soberania dista desde séculos passados, sendo usada quando se determinou que cada região politicamente organizada era autônoma em escolher sua religião, essa percepção sobre delimitação geográfica introduziu a questão dos limites internos e externos, ou seja, poder absoluto interno e insubordinação externa.

O tratado da Paz de Westphalia (1648) em Munster e Osnabruck marcou o início de forma histórica sobre *summa potestas* (soberania) dos Estados, por ser nesta data em que se reconheceu o princípio do estatocentrismo, que é a linha mestra nas relações entre Estados.

Em Relações Internacionais entende-se a soberania como direito exclusivo do Estado de exercer todos os seus poderes sobre o território, como o monopólio de legislação, regulamentação e jurisdição. O Manual de Ciência Política entende que soberania é o: “Poder que o Estado tem dentro de seu próprio território, poder que é exclusivo deste, e que também implica, fora de seu território, a ‘proteção’ contra intervenções externas de outros Estados ou entidades”.⁴

Por isso, afirma que todo o Estado é soberano, o que significa que o seu poder se estende a todo território geograficamente estabelecido e que nenhum outro Estado tem poder de decisão. A soberania do Estado é que possibilita agir em seu território com certa liberdade, desde que isso não interfira na liberdade de outras nações.

Ainda, no contexto da Ciência Política e das Relações Internacionais, pode-se inferir que a soberania é um poder político supremo e independente, poder que não está limitado por nenhum outro poder interno ou externo. Desse modo, o conceito de soberania trata do exercício da autonomia do Estado sobre a condução de sua política interna ou externa, assim como seus efeitos sobre a dinâmica do sistema internacional como um todo. O Governo humano está organizado para manter a ordem e segurança no exercício da sua soberania.

³ DOMINGUES, Gleyds Silva. Razões para o estudo sobre o objeto cosmovisão em sua vertente cristã bíblica direcionadas à formação humana. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org). **Estudos Temáticos sobre cosmovisão cristã: olhares sobre diferentes áreas da vida**. Curitiba: Olsen, 2021, p. 22.

⁴ QUINTINO, Pedro. É coordenador e professor do Curso de Direito do Centro Universitário do Norte Paulista (Unorp) em São José do Rio Preto. Este conceito foi retirado na sua página no site disponível em <https://trilhante.com.br/curso/ciencia-politica>. Acessado em 20 de junho 2023.

Em Direito, a soberania é entendida como a “expressão do poder de direito, não do poder de fato, porque o poder não define a existência do Direito, é por isso que o Direito cria e justifica o poder”.⁵ Em Ciências Jurídicas, a soberania coloca o Estado acima de qualquer poder e a situa no mesmo plano em relação a outros Estados. Já em teologia, a soberania é conceituada segundo Packer como aquela que:

[...] abrange tudo o que se possa associar à imagem bíblica de Deus, enquanto Senhor e Rei no seu mundo, o Único que ‘faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade’ (Ef 1.11), dirigindo todo e qualquer procedimento e orientando todo e qualquer evento em direção ao cumprimento do seu próprio plano eterno.⁶

A soberania praticada nos Estados e Nações é uma tentativa de traduzir o que seria soberania divina do ponto de vista humano, mas quanto a soberania divina, refere-se ao domínio supremo e absoluto de Deus sobre todas as coisas. Ele é o soberano e controlador do universo, possui autoridade sobre cada aspecto da criação, como de todos os eventos que acontecem na realidade. Nada foge ao seu controle e governo.

A soberania de Deus é de suma importância, porque dela assegura a formação de crenças e valores pessoais, mas também é uma força orientadora que molda a compreensão do mundo e a relação com o ser divino. Sobre isso, Piper afirma que “a soberania de Deus significa que o governo de Deus é absolutamente livre de restrições externas. Deus age de acordo com Sua própria vontade, de acordo com Seus próprios propósitos”.⁷ Geisler explicita que o princípio da soberania revela a presença de “um Deus que existe antes de todas as coisas, está além de todas as coisas, sustenta todas as coisas, conhece todas as coisas e pode todas as coisas está também no controle de todas as coisas”.⁸

Segundo Lawson, a soberania de Deus é a “transcendência e triunfante governação de Deus supremamente em todas as coisas, sem rival tanto no céu como na terra”,⁹ o que torna Deus absoluto e Senhor de tudo e de todos. Concordando com este pensamento. Pink argumenta o seguinte: “dizer que Deus é soberano, é declarar que Deus é Deus, [...] Ele é Altíssimo, o qual tudo faz segundo sua vontade no exército dos céus e entre os moradores da terra”.¹⁰

Deus não compete com ninguém e nem está preocupado em tentar convencer a ninguém que ele é o que é. Toda criação deve aceitar quem Deus é, sem questionar o seu domínio sobre todas as coisas. Afinal, tudo existe porque ele decidiu assim, tudo no céu como na terra existe por meio do seu favor, é nesse âmbito, que O’Donovan Jr. vê a soberania como

⁵ ROMÃO, Filipe Vasconcelos. **A transformação do conceito de soberania a emergência política e legal das «autonomias-ação» no quadro da Constituição espanhola de 1978.** Disponível em https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri39/n39a12.pdf. Acessado em junho de 2023.

⁶ PACKER, J. I. **A Evangelização e a Soberania de Deus.** São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p.7.

⁷ PIPER, John. **A Soberania de Deus.** tradução: Camila Rebeca Teixeira. Postado em 30 de agosto de 2018. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/a-soberania-de-deus-2/> Acessado em junho de 2023.

⁸ GEISLER, Norman. **Eleitos, mas livres: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre arbítrio.** Tradução Heber Carlos de Campos. 2.ed. São Paulo: Vida, 2005, p. 15.

⁹ LAWSON, Steven. **Fundamentos da graça.** São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 41.

¹⁰ PINK, Arthur W. **Deus é Soberano.** São José dos Campos: Fiel, 2007, p. 21.

“governo ou autoridade absoluta sobre um reino, uma região geográfica ou um império”.¹¹ Ele termina dizendo que um “soberano é um governante absoluto”.¹²

No Dicionário Wycliffe, a soberania de Deus “representa o ensino bíblico que se refere ao absoluto, irresistível, infinito e incondicional exercício da vontade própria de Deus sobre qualquer área da sua criação”.¹³ Acrescenta ainda, que “Deus é aquele que ordena todos os eventos ao longo do tempo e da eternidade. Ele também é o Criador e Mantenedor de tudo o que existe”,¹⁴ termina dizendo que “Deus ‘faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade’”. Deus é o dono do universo, é aquele que tudo vê, faz e manda fazer como quer e quando quer.

A existência de reinos e a formação de governos é da inteira vontade de Deus, como Jesus fez ao conhecer Pilatos, enfatizando que o poder que este tinha é porque recebeu dos céus (Jo 19.11a). O apóstolo Paulo quando escreve a epístola aos Romanos, esclarece que a autoridade é uma instituição divina e requer uma sujeição e respeito (Rm 13.1).

Deus controla tudo que se move na face da terra, nas profundezas e nos céus. Deus sabe quem deve morrer e quem não deve morrer, ele determina tudo o que deve acontecer, conhece todos os pensamentos do homem mesmo antes de atravessarem a mente. Nada está além de Deus nesta terra. Não há como negar que Deus é soberano e por isso exerce soberania sobre tudo que criou. A Bíblia afirma que Deus é soberano “Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há” (At 4.24).

Pink esclarece que Deus é absoluto.¹⁵ Isso remete à ideia de que ninguém faz qualquer coisa sem a permissão de Deus, não há nenhuma ação dependente, tudo acontece para satisfação dos seus planos e propósitos. Não há mérito humano em nada nesta terra, por isso, Paulo, apóstolo, pergunta “quem pode ir contra a vontade de Deus? Mas quem é você, meu amigo, para discutir com Deus?” (Rm 9.19b-20).

A forma como Deus administra a sua criação, de como governa e mantém tudo está ligado à soberania dele. Daí que Jesus disse que:

Não se vendem dois pardais por uma moeda de pequeno valor? Contudo, nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais (Mt 10.29-31).

Essa afirmação destaca que nada acontece sem a permissão de Deus. Cada evento, mesmo aqueles que parecem insignificantes, está sob o controle e depende da vontade de Deus. Também fica claro neste verso que a soberania envolve o cuidado pessoal e específico de cada ser criado. A ideia do livre arbítrio não colide com a soberania de Deus. O apóstolo Paulo deixa bem claro sobre esse assunto, quando escreve para os irmãos que estavam em Roma, dizendo que:

¹¹ O’DONOVAN Jr, Wilbur. **O cristianismo bíblico da perspectiva africana**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 70.

¹² O’DONOVAN Jr, 1999, p. 70.

¹³ **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 1844.

¹⁴ **Dicionário Bíblico Wycliffe**, 2006, p. 1844.

¹⁵ PINK, 2007, p. 21

Todavia, quem és tu, ó homem, para questionares a Deus? Acaso aquilo que é criado pode interpelar seu criador dizendo: ‘Por que me fizeste assim?’ Ou o oleiro não tem todo direito de produzir do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para usos menos honrosos? (Rm 9.20-21)

Não há espaço para escolhas fora do que Deus estabeleceu. Santo Agostinho na percepção do livre arbítrio, disse o seguinte: “Dai-me o que ordenais e ordenai o que desejais”.¹⁶ O ser humano está para cumprir a ordem de Deus, os planos e os propósitos estabelecidos por ele, nada é criação humana, tudo é uma mera descoberta.

Já Arminius esclarece, afirmando que “Deus preordena os meios para um fim; e os fins são fixados pela livre ação de criaturas inteligentes”,¹⁷ ou seja, a inteligência humana faz com que o homem explore a criação de forma eficaz para um proveito feliz para a sua própria vida enquanto na terra.

A soberania de Deus pode ser vista quando demonstra misericórdia para alguns quando endurece os corações de outros, como o caso de Faraó, por exemplo. O endurecimento do coração de Faraó por Deus não foi arbitrário. O tirano atraiu isso sobre si. Ninguém pode questionar Deus sobre isso. Assim como o oleiro tem o direito de fazer o que ele quiser com o barro, assim também Deus tem o direito de escolher gentios e judeus.¹⁸

A respeito do sofrimento e do mal em que o mundo está mergulhado, isso desafia, até certo tempo, a compreensão da soberania de Deus. O livro de Jó elucida com profundidade e clareza o problema do sofrimento e da soberania de Deus. Piper¹⁹ argumenta que, embora o sofrimento possa ser doloroso e difícil de entender, Deus tem um propósito divino para ele. Ele vê o sofrimento como um meio pelo qual Deus molda o caráter das pessoas, fortalece a fé e demonstra sua glória.

Jó enquanto procurava compreender a fonte do sofrimento não visualizou uma solução, mas quando desviou a atenção da sua dor (Jó 42.10), Deus mudou a sua situação. Sobre isso, Spurgeon defende a prática de fé, dizendo assim:

[...] procure fazer com que a fé seja reavivada e fortalecida e, como Jó, decida confiar em Deus, embora o Senhor pudesse matá-lo. seria nobre evitar que o coração afundasse sob pressões da aflição, como o salmista encontrou em sua doce experiência: “eu creio que verei a bondade do senhor na terra dos viventes” (Sl 27.13).²⁰

¹⁶ CORSI, Uellinton Valentim. Origem do mal segundo Santo Agostinho: uma perspectiva judaico-cristã. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 05, Vol. 01, p. 131-152. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/origem-do-mal>. Acesso em junho de 2023.

¹⁷ ARNOLD, Johnathan. **10 coisas que você deve saber sobre a graça preveniente**. Por paleo ortodoxo em Arminianismo, Graça Preveniente, Jacó Armínio, Teologia Arminiana, Wesleyano postado em junho de 2023. Disponível em: <https://paleoortodoxo.wordpress.com/category/jaco-arminio/> Acessado em Junho de 2023.

¹⁸ MACDONALD, William. **Comentário básico do Novo Testamento**: um recurso prático que vai ajudá-lo a compreender e viver a Bíblia. Rio do Sul: Actual, 2015, p. 185.

¹⁹ Disponível em <https://www.desiringgod.org/articles/where-is-god-when-things-keep-getting-worse>. Acessado em junho de 2023.

²⁰ SPURGEON, C. H. **Seleções da Biblioteca de Spurgeon**: Sofrimento. Bookwire: Pão Diário, 2021, p. 19.

Piper acredita que “Deus não está apenas aparecendo depois do problema e limpando-o. Ele está traçando o curso e administrando os problemas com propósitos de longo alcance para o nosso bem e para a glória de Jesus Cristo”.²¹ Um dos pontos-chave de Piper, é que o sofrimento, quando enfrentado com fé, pode glorificar a Deus e ser usado para mostrar sua soberania, bondade e graça.

O sofrimento é em parte um plano divino e pode ser usado para glorificar a Deus e o bem das pessoas. Yancey acredita que Deus usa o sofrimento como um meio para dar lições mais profundas aos seres humanos.²² Daí ser necessário em meio à turbulência, o ser humano procurar entender qual é a lição de Deus, o que está falando, qual é sua direção e como chegar no destino. Muitas vezes, a concentração é sobre a dor e não essencialmente a lição que dela virá.

Pink afirma que “se negamos a soberania de Deus, pronto já não teremos espaço para Deus em nossos pensamentos”.²³ Porque a fé em Deus é sustentada na soberania divina, por ela se percebe os planos e os propósitos sobre a criação. Nada está alheio à vontade de Deus, nada surpreende Deus, tudo funciona de acordo com o plano pré-estabelecido por ele e para ele, a fim de manifestar a sua glória.

2. CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE AGOSTINHO E CALVINO SOBRE A PRÁTICA DA ORAÇÃO

A prática da oração no contexto da soberania de Deus é um tema essencial e que tem sido objeto de reflexão e estudo. Afinal, a soberania de Deus denota sua autoridade suprema e o controle sobre todas as coisas. Ela se torna inseparável da prática da oração, pois afeta diretamente como os cristãos se aproximam de Deus em comunicação e adoração.

Teólogos como Agostinho de Hipona, João Calvino e outros oferecem *insights* valiosos sobre como a soberania de Deus influencia a maneira como os cristãos oram, como se relacionam com Deus e como entendem as respostas às petições. Suas reflexões abrangem questões como a confiança na vontade divina nas orações, a humildade diante do controle soberano de Deus e a maneira como a oração se encaixa na compreensão mais ampla da providência divina.

À medida que vai se explorando as contribuições desses teólogos, fica evidente a intersecção entre a soberania de Deus e a prática da oração e como ela pode enriquecer a vida espiritual dos crentes e fortalecer sua confiança na comunicação com o Supremo Deus.

Licova afirma que a oração disponibiliza o poder de Deus na terra e a sua prática deve ser ininterrupta.²⁴ É notável que a prática da oração é um componente essencial da vida espiritual e tem sido objeto de profunda reflexão e estudo ao longo da história da teologia cristã.

²¹ Disponível em <https://viralbeliever.com/pt/john-piper-quotes/> Acessado junho de 2023.

²² YANCEY, Philip. **Oração: ela faz alguma diferença?** São Paulo: Vida, 2007, p. 110.

²³ PINK, 2007, p. 6.

²⁴ LICOVA, Sérgio. **A necessidade do homem orar.** Beira: s.n., 2018, p. 17.

Teólogos ao longo dos séculos têm contribuído significativamente para a compreensão da oração, sua importância e seu papel na vida dos crentes. Suas reflexões abrangem uma ampla gama de tópicos, desde a natureza da oração até suas implicações para a adoração, a relação com Deus, a experiência espiritual e a forma como os crentes se aproximam de Deus em busca de orientação, graça e comunhão.

2.1 O ensinamento de Agostinho de Hipona (354 - 430) sobre a soberania divina

Agostinho, um dos mais influentes teólogos da história cristã, argumentou que a soberania de Deus é incontestável, mas isso não torna as orações dos crentes irrelevantes. Em vez disso, ele viu as orações como uma parte essencial do plano divino e uma expressão da vontade de Deus para a comunhão com seu povo.

Agostinho acreditava que Deus possuía auto existência, era absoluto, imutável, possuía absoluta singeleza, era triúno em toda essência, onipresente, onipotente, imaterial, eterno. Não estava dentro do tempo, mas era o criador do tempo. Ele escreveu: “O próprio Deus, em Sua soberana bondade e misericórdia, destinou todas as coisas, inclusive nossas orações”.²⁵

Agostinho ao enfatizar que Deus em sua soberania e misericórdia, destinou todas as coisas, inclusive as orações, acreditava que, embora Deus fosse soberano e conhecesse de antemão tudo o que aconteceria, escolheu incorporar as orações dos seres humanos em seu plano soberano. Isso significa que as orações não são apenas um ato de obediência, mas também fazem parte do propósito de Deus para a realização de sua vontade na história. Nesta linha de pensamento, Licova interpreta a oração como um “requerimento para o agir de Deus na terra”,²⁶ segundo a sua vontade e seu propósito.

Agostinho, deixa claro nos seus ensinamentos que “não se pode encontrar pessoa alguma que pense haver um ser melhor do que Deus”,²⁷ na mesma linha de pensamento, considera as orações como um meio pelo qual os cristãos expressam sua dependência em Deus e buscam sua graça e orientação. Ele enfatizou que, por meio das orações, participa-se ativamente do plano divino, reconhecendo a soberania de Deus e confiando em sua sabedoria para responder às petições.

Na visão de Agostinho sobre a soberania de Deus e a prática da oração, é uma abordagem equilibrada que ressalta a importância de orar sem negligenciar a soberania divina. Isso continua a influenciar a teologia e a espiritualidade cristãs, destacando a relação entre a oração, a vontade de Deus e a profunda confiança na providência divina.

Agostinho convida os cristãos a orarem e participarem ativamente na busca da sua vontade e do seu propósito, embora Deus seja soberano sobre todas as coisas, uma vez que

²⁵ XAVIER, Erico Tadeu. Agostinho de Hipona e a história do cristianismo: breve estudo de sua vida, influência e teologia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 05, Vol. 01, p. 25-40. Maio de 2019. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/teologia/agostinho-de-hipona>.

²⁶ LICOVA, 2018, p. 2.

²⁷ AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354 – 430. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação**. São Paulo: Paulus, 2022, p. 48.

as suas orações não anulam a soberania divina, mas, sim, são instrumentos pelos quais Deus cumpre seus planos.

Os cristãos são chamados a orar, não para impor sua vontade sobre a de Deus, mas para alinhar sua vontade com o Criador. Essa compreensão da oração no contexto da soberania de Deus tem profundas implicações para a vida espiritual, promovendo a confiança na sabedoria e no cuidado de Deus, mesmo quando as petições nem sempre são atendidas da maneira que cada cristão espera.

2.2 A visão de João Calvino (1509 - 1564) sobre a soberania de Deus

Calvino enfatizou que a oração é uma parte importante da vontade de Deus e que, embora Deus seja soberano, escolheu ouvir e responder às orações de seu povo. Calvino entendia que:

[...] quando o crente se submete à vontade de Deus na oração, ele não renuncia a sua própria vontade, mas que a vontade do homem, sob a orientação do Espírito, e a vontade de Deus operam juntas em comunhão. Para ele a oração não deve ser entendida como supérflua e sem valor à luz da soberania, onipotência e onisciência de Deus, pois Deus ordenou a oração tendo em vista não a Si mesmo, mas ao homem, para que este se exercitasse na piedade. [...] A oração não é feita para informar Deus, mas para implorar Sua misericórdia e alcançar Sua graça.²⁸

A perspectiva de Calvino sobre a oração no contexto da soberania de Deus é igualmente influente e oferece uma compreensão rica e equilibrada da relação entre a oração e a vontade divina. Ele tinha um profundo conhecimento sobre a soberania de Deus, e disse mais:

Aquele que confia na providência divina deve fugir para Deus com orações e forte clamor. Os homens jamais encontrarão um antídoto para suas misérias, enquanto, esquecendo-se de seus próprios méritos, diante do fato de que são os únicos a enganar a si próprios, não aprenderem a recorrer à misericórdia gratuita de Deus.²⁹

Calvino, ainda, trouxe contribuições significativas para a compreensão da oração como parte essencial do plano soberano de Deus. Ele via a oração como um meio através do qual os crentes expressam sua dependência e buscam sua graça e misericórdia.

Uma vez que Deus é onisciente e conhece todas as coisas, a oração passa a ser um ato de humildade e submissão, no qual os crentes buscam o favor e a orientação de Deus. Calvino, tal como Agostinho, enfatiza a prática da oração como um ato de busca de misericórdia e graça e ressalta a importância da confiança na resposta de Deus, mesmo quando suas respostas diferem das expectativas.

²⁸ VIEIRA, Thiago Da Silva. **João Calvino e a oração**. Disponível em <https://teologiapresbiteriana.home.blog/2019/10/15/joao-calvino-e-a-oracao/>

²⁹ BLANCHARD, John. **Pérolas Para a Vida**: cerca de 5 000 citações que servem de inspiração para comunicadores cristãos. São Paulo: Vida Nova, [s.a]. Disponíveis em <https://missaoneemias.webnode.com.br/frases-notaveis/> Acessado em Junho de 2023

Essa compreensão da oração no contexto da soberania de Deus tem sido fundamental para a teologia reformada e continua a influenciar a vida de oração dos cristãos até hoje, uma vez que apresenta tal prática como um meio de comunhão e busca da vontade de Deus.

3. ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS NAS ESCRITURAS SOBRE A SOBERANIA DE DEUS

A soberania de Deus é um dos princípios essenciais da teologia cristã, que perpassa toda a Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Ela se refere à autoridade suprema, controle absoluto e governo divino sobre todas as coisas, desde a criação do mundo até o desenrolar do plano providencial na história.

Nas Escrituras são encontrados diversos textos que ilustram e afirmam sobre a soberania de Deus de maneira vívida e impactante. Estes textos sustentam a compreensão da natureza divina e o papel de Deus na vida de crentes e na ordem do mundo.

Pink ressalta, insistentemente, que há duas coisas indisputáveis: “Deus é soberano, o homem é responsável”.³⁰ No seu entendimento, é possível encontrar registros bíblicos que fundamentam a presença da soberania de Deus. Os textos e as narrativas das Escrituras revelam a autoridade suprema de Deus sobre toda a criação, sua governança sobre eventos históricos e sua influência na vida das pessoas.

O princípio da soberania é um atributo de Deus, sendo um elemento fundamental para a fé cristã, pois não apenas fornece um alicerce sólido para a confiança no Criador, mas também ajuda a responder questões sobre a providência divina, o livre arbítrio e a relação entre Deus e sua criação.

Os textos bíblicos evidenciam a riqueza de princípios que retrata Deus como o soberano regente de todas as coisas. A partir das narrativas e dos ensinamentos bíblicos, explora-se como a soberania de Deus está intrinsecamente ligada à sua vontade, providência, graça e amor. Além disso, é notório como esses textos influenciaram o pensamento teológico ao longo da história da igreja e continuam a ser uma fonte de reflexão profunda para os crentes contemporâneos que buscam compreender a relação entre a vontade divina e a vida humana.

Alguns exemplos de textos bíblicos estão em Gênesis 1.1. Nele, se estabelece a soberania de Deus na criação do universo, demonstrando seu controle sobre a criação e tudo que existe, quando diz que “no princípio, Deus criou os céus e a terra”. Aqui, o atributo evidenciado é de Deus, o Criador. Da Costa afirma que:

O ‘façamos’³¹ de Deus é a execução autodeliberada de Deus em criar o homem; deste modo, na criação, em geral, e do homem, em especial, encontramos a concretização precisa do decreto eterno de Deus. O homem é produto da vontade de Deus.³²

³⁰ PINK, Arthur W. **Deus é Soberano**. Tradução do espanhol para o português realizada por Daniela Raffo. São José dos Campos: Fiel, 2007. Artigo retirado do Livro Deus é Soberano, p. 1. Disponível em https://www.monergismo.com/textos/soberania_divina/deus_soberano_pink.htm.

³¹ Um comentário do livro de Gênesis 1.26 sobre a criação do homem.

³² DA COSTA, Hermisten Maia Pereira. **O Pai Nosso**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 131

Essa abordagem demonstra que Deus criou tudo que existe com total liberdade e propósito, segundo o plano por ele desenhado. É vontade de Deus partilhar as suas características fundamentais, criando o homem segundo a sua imagem e semelhança, dotando de capacidades individuais para um propósito único e intencional dentro do plano divino, em que se assume a responsabilidade de viver em sintonia com a vontade do Criador e uma busca contínua de comunhão com ele.

No livro de Êxodo, Deus se revela a Moisés na sarça ardente, dizendo: “Eu sou o que sou” (Êx 3.14). Essa afirmação enfatiza a auto existência e a soberania de Deus, destacando que ele é o ser supremo e incontestável. O atributo expressa o governo e a autoridade de Deus, além de ressaltar a sua pessoa, quem ele é. “A soberania não quer dizer que Deus governa arbitrariamente; pelo contrário, a Sua soberania é a expressão mais profunda do Seu amor”.³³

A auto existência de Deus refere-se à ideia de que Deus é por si mesmo, independentemente de qualquer outra fonte ou causa. Deus não depende de nada ou ninguém para existir. Ele é o ser necessário e autoexistente. A Confissão de Fé de Westminster (1647), por exemplo, é um documento que articula muitos desses princípios, como:

Deus tem em si mesmo, e de si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança. Ele é todo suficiente em si e para si, pois não precisa das criaturas que trouxe à existência, não deriva delas glória alguma, mas somente manifesta a sua glória nelas, por elas, para elas e sobre elas. Ele é a única origem de todo o ser; dele, por ele e para ele são todas as coisas e sobre elas tem ele soberano domínio para fazer com elas, para elas e sobre elas tudo quanto quiser (II.2).³⁴

Salmos 103.19 afirma que “o Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e o seu reino domina sobre tudo”. Este verso destaca a soberania divina sobre todos os aspectos da criação e da história humana. Não há nada que escape ao governo de Deus. Tudo está sob seu controle e sua autoridade. Ainda, no livro de Salmos 115.3 lê-se: “Nos céus está o nosso Deus; tudo faz como lhe agrada”. Aqui, está evidenciada a capacidade de Deus de agir de acordo com sua vontade em todos os lugares e sobre todas as coisas. Ele tem o domínio de sua criação e reina sobre tudo e todos.

Já o profeta Isaías transmite a “Declaração de Deus”, destacando a sua soberania sobre o curso da história:

Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro; eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o fim, e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade (Is 46.9-10).

³³ CRISTÃ EVANGÉLICA. **Quão Grande és Tu!** estudos sobre Deus e seus atributos. Bookwire: Cristã Evangélica, 2020, p. 116.

³⁴ Artigo sobre “**A soberania de Deus e a responsabilidade humana**: reverência, consolo, estímulo e desafio missionário” baseado nos ensinamentos do Reverendo Hermisten sobre “**A soberania de Deus**”, disponibilizado pela Secretaria de Apoio Pastoral do Presbitério de São Bernardo do Campo.

O rei Nabucodonosor reconhece a soberania de Deus ao expressar assim: “Agora, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico o Rei dos céus, porque tudo o que ele faz é certo, e todos os seus caminhos são justos. E ele tem poder para humilhar aqueles que vivem com arrogância” (Dn 4.37). E, ainda, reitera:

[...] eu, Nabucodonosor, levantei os meus olhos ao céu, e tornou-me a vir o meu entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é um domínio sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. E todos os moradores da terra são reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem possa estorvar a sua mão e lhe diga: Que fazes? (Dn 4.34-35).

Sobre essa passagem, Wiersbe declara que o rei de fato reconheceu a soberania de Deus, sendo essa “a lição mais importante que o Senhor desejava que ele aprendesse por meio de uma experiência difícil”.³⁵ Ainda, arremata que: “Ignorar a soberania de Deus significa exaltar a responsabilidade humana e fazer do homem o próprio salvador [...] A Bíblia preserva o belo equilíbrio que exalta Deus e permite que seu povo viva alegre”.³⁶

O Livro de Jó é um dos livros mais proeminentes da Bíblia, quando se trata de explorar a soberania de Deus em meio ao sofrimento humano. Visto que, a soberania de Deus é um tema central na resposta final de Deus a Jó, que é encontrada nos capítulos 38 a 42 do livro. Deus responde a Jó por meio de um redemoinho, falando sobre sua grandeza e soberania sobre a criação. Deus faz perguntas a Jó, destacando a vastidão de Seu conhecimento e poder, enfatizando que sua sabedoria transcende a compreensão humana. A partir dos textos eleitos, pode-se dizer que:

A soberania de Deus não quer dizer que estamos livres de responsabilidades. Não significa que nós não temos interesse pelas coisas que estão ao nosso redor. A soberania de Deus não tira o nosso compromisso com a grande Comissão de Jesus, de pregar o evangelho até aos confins da terra. Mesmo porque a soberania de Deus não é determinista.³⁷

Alguns exemplos de textos do Velho Testamento evidenciam a ação do ser de Deus. Eles abordam a soberania de Deus, e há muitos outros que poderiam ser explorados, contudo, a intenção é evidenciar a sua presença em diferentes textos, o que já indica o valor atribuído a esse princípio.

No Novo Testamento, alguns textos podem ser utilizados como exemplo da manifestação da soberania de Deus. No contexto em que Mateus 6.10 se refere à oração denominada de “Pai Nosso”. Nela, Jesus ensina seus discípulos a orarem para ser feita a vontade de Deus. Enfatiza a soberania de Deus e seu governo sobre todas as coisas, destacando sua ação sobre a vida e as circunstâncias. A expressão “faça-se sua vontade, assim na terra como no céu” expressam “o ardente anseio pelo cumprimento divino”.³⁸

³⁵ WIERSBE, Warren W. **Proféticos**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017, p. 333.

³⁶ WIERSBE, 2017, p. 333.

³⁷ CRISTÃO EVANGÉLICA, 2022, p. 120.

³⁸ TASKER, R. V. G. **Mateus**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 58.

Em Mateus 28.18, Jesus declara: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra”. Essa afirmação ressalta a soberania de Jesus como Senhor sobre todas as coisas. Isso evidencia que “Foram-lhes dados o céu e a terra para que Ele fizesse com eles o que quisesse”.³⁹ O que aponta para a sua divindade, seu governo e sua autoridade diante do existente. Importa referir que Cristo é Deus (Jo 10.30), por isso, Cristo é soberano.

Paulo, o apóstolo, escreve aos romanos sobre a presença da vontade soberana de Deus, assim: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28). Enfatiza que Deus tem um plano soberano que inclui todas as circunstâncias da vida.

Efésios 1.11 destaca: “Nele [Cristo] fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade”. O verso realça a soberania de Deus na eleição e no cumprimento de seus propósitos. “Paulo está falando da realização do propósito de Deus para os homens iniciada no Velho Testamento”,⁴⁰ o que demonstra continuidade e integração diante do propósito desenhado por Deus, desde o início.

Apocalipse 4.11 diz: “Digno és, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas”. Este versículo exalta a soberania de Deus como criador e sustentador de todas as coisas.

Esses são exemplos de textos do Novo Testamento que abordam o atributo da soberania de Deus, enfatizando sua autoridade, vontade e plano divino na vida e na história. A Bíblia contém muitos outros textos que tratam desse tema, oferecendo uma visão abrangente da soberania de Deus no contexto do Antigo e Novo Testamentos.

4. O PRINCÍPIO DA SOBERANIA E AS IMPLICAÇÕES EM CINCO ATITUDES NA PRÁTICA DA ORAÇÃO

A soberania de Deus, como mencionado nas Escrituras, tem implicações diretas para a oração e a vida espiritual. Por esse motivo, a sua compreensão é de extrema importância, na medida em que ela afeta a maneira como os cristãos se aproximam de Deus em comunicação e adoração.

Pretende-se explorar as implicações da soberania de Deus para a oração, considerando como ela influencia a forma como os cristãos procuram se relacionarem com Deus em oração. A confiança na resposta divina, a humildade diante da vontade de Deus e a intercessão em nome dos outros, com objetivo de apreciar a profundidade da relação entre a soberania de Deus e a prática da oração, e como essa compreensão pode enriquecer e fortalecer a sua vida espiritual.

Em destaque, apresentam-se cinco atitudes sobre como a soberania de Deus afeta de forma direta a oração. A primeira, é na prática de confiar na vontade de Deus. A primeira carta

³⁹ TASKER, 2014, p. 217.

⁴⁰ FOULKES, Francis. **Efésios**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 47.

do Apóstolo João no capítulo 5, versos 14 e 15, ressalta que “esta é a confiança que temos nele: que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos”.

Quando a oração é feita com confiança de que Deus sabe o que é melhor e que a vontade dele prevalece, independentemente do resultado da oração, traz descanso na alma, e ajuda o cristão a orar com humildade e submissão. Esse reconhecimento sobre a soberania de Deus significa que tem um plano e um propósito supremo para todas as coisas. Sheets afirma que:

Se Deus vai fazer algo independentemente de orarmos ou não, então Ele não precisa que lhe peçamos e não precisamos de mais um desperdício de tempo. Se tudo não passa do pressuposto de que “será do jeito que será”, melhor nós tirarmos uma soneca e deixar as coisas acontecerem.⁴¹

Sheets faz uma crítica ao ensino limitado sobre o poder da oração e o papel dos cristãos em buscar a vontade de Deus por meio da oração. Nessa citação, ele discute uma perspectiva sobre a oração que defende a ideia de que se Deus já determinou agir, independentemente das orações feitas, então a oração é dispensável. Essa abordagem, portanto, precisa ser alvo de reflexões, porque parece que a oração, neste patamar, seria vista como moeda de troca.

A oração não pode ser reduzida ao desejo humano, antes precisa ser vista no âmbito do relacionamento entre Deus e o ser humano. É claro que a soberania de Deus está além da perspectiva humana, contudo, isso não deve servir como empecilho à prática de manter uma vida de intimidade com Deus.

De fato, se está diante duas posições, ou seja, daqueles que argumentam que, se Deus é soberano e já conhece e determinou seus planos, as orações não mudariam seu propósito. Enquanto, de outro lado, a Bíblia enfatiza a importância da oração, como uma forma pela qual os cristãos participam ativamente do propósito divino e buscam alinhar suas vontades à vontade de Deus.

A afirmação de Sheets, é uma mensagem para aqueles que não oram, não buscam a Deus por acreditarem que não têm responsabilidade em relação a tudo que acontece. Sobretudo, é a falta de fé que motiva a não orar, uma vez que, a oração é o exercício da fé. Corroborando com essa ideia, Sheets declara:

Se, por outro lado, John Wesley estava certo quando disse: “Deus não faz nada nesta terra que não seja em resposta à oração cheia de fé”, então perderei um pouco de sono para poder orar. Mudarei meu estilo de vida por causa disso. Desligarei a tevê e até perderei uma refeição aqui ou ali.⁴²

A visão de Sheets é trazer a importância de compreender a profundidade e a complexidade da relação entre a oração e a soberania divina, enquanto desafia a visão simplista de que a oração é apenas um meio de solicitar mudanças nos planos de Deus. Antes,

⁴¹ SHEETS, Dutch. **Oração intercessória**: como Deus pode usar suas orações para mover o céu e a terra. Rio de Janeiro: Luz às Nações, 2014, p. 28.

⁴² SHEETS, 2014, p. 28.

entende-se que “Estar sem oração é estar sem Deus, sem Cristo, sem graça, sem esperança, e sem céu”.⁴³

Importa referir que a oração, enquanto ato de fé, deve trazer descanso e esperança, como resultado da confiança de ter um Deus que ouve, mesmo que não responda segundo o esperado na petição. A verdade é que Deus é soberano e conhece todas as coisas.

A Bíblia incentiva buscar a Deus em oração, não apenas para obter respostas, mas para cultivar um relacionamento íntimo com ele, alinhar corações com sua vontade e experimentar sua paz. A oração não é um desperdício de tempo, mas um meio pelo qual conecta os seres humanos com o Criador e a participação ativa de seus propósitos. Ainda, “uma oração verdadeira e saudável flui de um coração contrito e quebrantado e vale mais do que todas essas coisas juntas”.⁴⁴

A segunda atitude, diz respeito à prática da oração intercessória. A Bíblia orienta: “orai uns pelos outros” (Tg 5.16), como parte da demonstração do amor de Deus pelos irmãos. Quando compreendida a soberania de Deus, isso conduz os cristãos a orarem não apenas por suas próprias necessidades, mas também a intercederem em favor dos outros, confiando que Deus vai agir dentro da sua vontade, em resposta às suas orações. Essa oração é a intercessão, o “tipo de oração que invade o impossível e estabelece novos limites de possibilidades”.⁴⁵

A oração de intercessão também serve para moldar, esculpir e refinar os cristãos em várias áreas da vida. Essa ideia, segundo Sheets, destaca a importância das experiências da vida como terreno de treinamento para o desenvolvimento da vida de oração.⁴⁶ Desafios, alegrias, tristezas e sucessos todos desempenham um papel na formação do caráter de oração.

A perspectiva apresentada por Sheets acerca da oração, é que ela serve para concordar com outrem, por isso ele diz:

Pense da seguinte maneira: concordar não é orar, mas existe um tipo de oração em que concordamos juntos sobre o que clamar em oração. A fé não é oração, mas existe a oração da fé. Da mesma maneira que uma pessoa não pode orar intencionalmente uma oração concordando com algo até entender com o que se está concordando, uma pessoa não será muito eficaz na oração de intercessão até entender o conceito de intercessão.⁴⁷

A ideia que se deve ter em mente, é que concordar não é, por si só, orar; é necessário transcender a mera concordância verbal para uma compreensão consciente e comprometida do que está sendo solicitado em oração. Da mesma forma, a fé, embora essencial, não se realiza plenamente como oração sem a prática específica da oração da fé.

A eficácia na oração de intercessão requer uma compreensão substancial do conceito de intercessão, exigindo uma conscientização profunda do que implica interceder pelos outros. Assim como a eficácia da oração está intrinsecamente ligada à compreensão do que

⁴³ RYLE, J. C. **Um Chamado à Oração**. Bookwire: Letras, 2016, p. 6.

⁴⁴ RYLE, 2016, p. 8.

⁴⁵ HAYFORD, 2008, p. 159.

⁴⁶ SHEETS, 2014, p. 21.

⁴⁷ SHEETS, 2014, p. 45.

se está solicitando a Deus, a oração de intercessão atinge sua plenitude, quando se compreende e se compromete com o ato de intervir em favor de outros diante do trono divino.

A terceira atitude expressa a humildade na oração. A soberania de Deus conduz os cristãos à dependência de Deus. Isso ajuda no processo de orar com submissão e humildade, reconhecendo que num primeiro momento, não se sabe orar como convém, e não se tem o controle final sobre as circunstâncias, mas Deus sabe o que é melhor, mesmo quando suas próprias preferências podem ser diferentes.

Do mesmo modo, o Espírito nos auxilia em nossa fraqueza; porque não sabemos como orar, no entanto, o próprio Espírito intercede por nós com gemidos impossíveis de serem expressos por meio de palavras. E aquele que sonda os corações conhece perfeitamente qual é a intenção do Espírito; porquanto, o Espírito suplica pelos santos em conformidade com a vontade de Deus. Somos mais que vencedores (Rm 8.26-27).

Murray escreveu extensivamente sobre a oração, incluindo a importância da humildade na abordagem diante de Deus. Ele destaca a humildade como uma chave essencial para uma vida de oração eficaz. Argumenta, ainda, que a humildade é a disposição que prepara o coração para receber a graça de Deus e reconhece a dependência total dele.

É a humildade que nos coloca baixos diante de Deus para que Ele possa nos exaltar. No culto da oração, o homem é realmente levantado até Deus. Lá, ele se coloca em Sua presença como nada e deseja ser visto como nada, a fim de que Deus possa ser tudo. [...] verdadeira humildade é sempre acompanhada de forte fé, que somente busca conhecer o que está de acordo com a vontade de Deus.⁴⁸

A partir disso, reconhece-se que a humildade é uma atitude vital na oração, reconhecendo a grandeza de Deus e a dependência nele. A humildade evidencia o não orgulho e vaidade humana diante do reconhecimento da soberania de Deus.

A quarta atitude expressa a aceitação da vontade de Deus. A oração não é apenas um meio de pedir o que se deseja, mas também ajuda a aceitar com fé e paciência a vontade de Deus, mesmo que seja diferente da própria vontade. A soberania de Deus ajuda os cristãos a lidarem com a possibilidade de respostas como “sim”, às vezes “não” e às vezes “espere” às suas orações.

Em Mateus 26.39, lê-se: “Seguindo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: ‘Ó meu Pai, se possível for, passa de mim este cálice! Contudo, não seja como Eu desejo, mas sim como Tu queres’”. Estas palavras foram ditas pelo Senhor Jesus Cristo, quando estava em Getsêmani, pouco antes de ser traído e crucificado. Foi um momento mais intenso e emocionante da vida de Jesus, e suas palavras expressam um profundo entendimento da importância da vontade de Deus, ao mesmo tempo em que revelam o lado humano de Jesus. Ele submete sua própria vontade à vontade do Pai, demonstra disposição de suportar o sofrimento, desde que isso esteja alinhado com o plano divino.

⁴⁸ MURRAY, Andrew. **Com Cristo na escola de oração**. São Paulo: Clássicos, 2009. p.96.

Yancey discute como lidar com a decepção quando as expectativas de cura não são atendidas e como encontrar significado em meio ao sofrimento. Dá um exemplo acerca da oração nos seguintes moldes:

A Bíblia é clara quanto ao fato de que Deus responde às orações, mesmo aquelas que não são respondidas do modo como gostaríamos que fossem. Ele considera cuidadosamente os pedidos mais absurdos e egoístas. Quando crianças pedem coisas tolas a pais sábios — coisas como “posso ficar acordado para assistir àquele programa bem tarde da noite?” ou “você vai me deixar dirigir, mesmo eu tendo só doze anos?” — nem sempre conseguem o que querem. Com frequência os pais sabem julgar o que é bom para seus filhos.⁴⁹

Yancey aborda essa questão com empatia e busca oferecer *insights* sobre como enfrentar o sofrimento, mesmo quando as orações não são respondidas da maneira esperada. De fato, a oração é uma prática relacional e não um ato de barganha a ser efetivado.

A quinta atitude manifesta a solicitação e a gratidão. Os cristãos são incentivados a apresentarem seus pedidos a Deus por meio da oração, expressando seus desejos e suas necessidades. No entanto, também são chamados a fazê-lo com gratidão, independentemente do resultado, reconhecendo que Deus é soberano em todas as coisas.

A oração de ação de graças é uma resposta apropriada à soberania de Deus, reconhecendo sua bondade e fidelidade. A Bíblia instrui o seguinte: “Dai graças em toda e qualquer circunstância, porquanto essa é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1Ts 5.18). Walsh compartilha a sua experiência da sua vida de oração da seguinte maneira:

Todas as manhãs começo meu dia com gratidão, dando graças a Deus pelo amor com que me acolhe ao me aproximar dele como estou. Então, confesso o que sei ser verdade, não importa o que possa sentir como verdade. Nem sempre me sinto amada, mas sei que sou. Nem sempre sinto a presença de Deus, mas sei que ele está comigo. Confesso minha fraqueza e meu medo. Trago tudo o que sei ser verdade a meu respeito aos braços abertos de Deus Pai.⁵⁰

Walsh, usando palavras para transmitir a importância da gratidão em meio às diversas circunstâncias da vida, mostra a importância de não se limitar nas circunstâncias momentâneas, mas cada dia procurar motivos de louvor a Deus por tudo que ele tem feito e manter o coração agradecido que atrai bênçãos infinitas. Isso porque “o primeiro ato de fé é querer falar com Deus, a fé é para a alma o que a vida é para o corpo. A oração é para a fé o que a respiração é para a vida”.⁵¹

A soberania de Deus não anula a importância da oração, mas molda a maneira como os cristãos abordam a oração. Ela convida a orar com confiança na vontade de Deus, a interceder pelos outros, a orar com humildade e a aceitar as respostas de Deus com gratidão. A

⁴⁹ YANCEY, Philip. **Desventuras da vida cristã**: as dificuldades existem, mas o final pode ser feliz. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 58.

⁵⁰ WALSH, Sheila. **Em meio ao caos**: encontrando forças em Deus para vencer as dificuldades da vida. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018, p. 75.

⁵¹ RYLE, 2016, p. 9.

compreensão da soberania de Deus enriquece a vida de oração e ajuda a crescer em fé e confiança em Deus, além de conhecer seus atributos.

São muitos os atributos interconectados com a soberania de Deus, dentre eles podem-se destacar onipotência, onisciência, onipresença, imutabilidade, santidade, bondade, sabedoria e justiça. “Deus não é só amor. Deus é santo, Deus é justo, e todos os seus atributos estão em perfeita harmonia em sua pessoa”.⁵²

Há que enfatizar que os atributos de Deus estão interconectados e trabalham juntos para estabelecer a sua soberania sobre todas as coisas. Quando isso é compreendido, facilita a percepção de como Deus governa o mundo de acordo com sua vontade e seu propósito, apesar do sofrimento e do mal presentes na realidade e que, em muitos casos, se tornam difíceis de entender.

A soberania de Deus está ligada à sua onipotência, significa que ele tem controle absoluto sobre tudo e todos, tanto nos céus e na terra. Ele faz tudo que quer, quando quer e como quer e nada absolutamente o impede, porque ele é detentor de todo poder.

As razões são várias para demonstrar a sustentabilidade da onipotência de Deus, por exemplo: O livro de Gênesis apresenta passagens, que sem contradição alguma, revelam de forma clara que Deus é o Criador, como Gênesis 1.1: “No princípio, Deus criou os céus e a terra”. Essa capacidade de criar partindo do nada, coloca Deus na supremacia do poder. Deus tem domínio sobre a natureza e sobre todos os eventos que acontecem no mundo. A passagem bíblica em Mateus 8.26-27, quando Jesus acalma a tempestade no Mar da Galileia, é uma demonstração clara de que Deus é onipotente.

Ao tomar alguns exemplos bíblicos sobre a soberania de Deus, é possível referenciar a história de Daniel na cova de leões (Dn 6), a ressurreição de Lázaro (Jo 11), os milagres realizados em toda Bíblia, começando do Velho e indo até o Novo Testamento. A demonstração da capacidade ilimitada de Deus, gravada em Filipenses 4.13, diante da afirmação: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece”. Onde Paulo, o apóstolo demonstra a necessidade de exaltar a Deus em todos os momentos na vida, que é o reconhecimento da sua soberania. Além dos eventos apocalípticos apresentados em toda Bíblia ilustram a onipotência de Deus.

A onisciência expressa o conhecimento completo e absoluto do passado, presente e do futuro. Indica o governo de Deus sobre tudo e todos, o perfeito entendimento e a maneira de como ele sujeita todas as coisas ao seu propósito eterno.

Todos os eventos que estão ocorrendo e que ocorrerão, sem limitações, a nível individual ou global, todos pensamentos e intenções, Deus conhece e sabe, sem precisar aprender de alguém ou descobrir de alguma fonte. Ele diz em Isaías 42.9: “Eis que as primeiras coisas já se cumpriram, e as novas eu anuncio; e, antes que saiam à luz, vo-las faço ouvir”.

A consciência sobre a onisciência de Deus traz compreensão da providência de Deus, uma vez que ele sabe de todas as coisas e age de acordo com a sua perfeição. Ele tem poder sobre todas as circunstâncias e isso o torna digno de adoração e confiança, porque age de

⁵² WASHER, 2018, p. 42.

acordo com a sua justiça e sabedoria em cada situação. Este atributo é fundamentado em várias religiões monoteístas, incluindo o cristianismo, o judaísmo e o islamismo.

A onisciência de Deus faz conhecer as palavras antes que se formem na boca do ser humano e os pensamentos ao descer no íntimo do coração. O Salmo 139.1-4 afirma: “Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos”. “O verbo sondar significa examinar com grande empenho, cuidado e com profundidade”⁵³, o que indica uma ação que não olha para a superficialidade, antes preocupa-se com o que de fato está enraizado no íntimo do ser.

A onipresença de Deus relaciona-se à sua soberania, por governar em todos os lugares e diante de todas as circunstâncias ao mesmo tempo. Ele enche os espaços e vê tudo ao mesmo tempo, permitindo um controle perfeito e um agir sábio dentro do plano e propósito estabelecido.

De forma simultânea e ininterrupta, Deus está presente em cada canto do universo e em todos os momentos da história sem qualquer limitação geográfica e temporal. O salmista enfatiza a ideia de que Deus está presente em todo canto, quando declara:

Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá (Sl 139.7-10).

Este verso mostra que nos lugares mais remotos do universo, no fundo do mar, dos oceanos ou até no espaço, a sua presença transcende o tempo. Não há como orar se não houver a compreensão e a fé que assegura a disponibilidade de Deus para guiar, proteger e consolar. A presença simultânea e ininterrupta de Deus em todos os lugares e em todos os momentos ressalta mais uma vez a sua onipresença.

Jeremias 23.23-24, afirma: “Porventura sou Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o Senhor; porventura não encho eu os céus e a terra? diz o Senhor”. E, o evangelista Lucas, escrevendo o livro do Atos dos Apóstolos, diz:

[...] para que buscassem a Deus, se porventura, tateando, o pudessem achar, ainda que não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Pois dele também somos geração (At 17.27-28).

Não há dúvida que é nele que se vive e a existência parte dele, o que assegura que Deus é a fonte de tudo. Severa explica que “a imutabilidade não significa imobilidade, não quer dizer que não haja movimento em Deus, ou que não ocorra mudanças nas suas ações no Universo. Deus tem múltiplas relações com o mundo”.⁵⁴

O que é preciso reconhecer é que Deus é imutável. Isso significa que a sua natureza e essência permanecem inalteráveis. Não sofre mudança no seu caráter, vontade, conhecimento, poder e qualquer outro aspecto da sua divindade

⁵³ WIERSBE, Warren W. **Poéticos**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017, p. 344.

⁵⁴ SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática**. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 57.

A soberania de Deus é constante e confiável e ele não é influenciado por circunstâncias externas. Deus é eterno e perfeito, “não há mudança e nem sombra de variações” (Tg 1.17), ou evoluções na sua essência. Ele é a fonte de estabilidade e confiabilidade, a fidelidade e as promessas de Deus são inabaláveis. Deus é atemporal, não está sujeito às limitações do tempo. Afinal, Deus não está sujeito a qualquer acréscimo ou diminuição, desenvolvimento ou decadência em seu ser e em suas qualidades.⁵⁵

Malaquias 3.6 diz: “Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos”. Esta palavra transmite esperança para todos que nela confiam. Na carta aos Hebreus 13.8, o escritor deixou claro que “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente”. Este verso esclarece a perfeição de Deus, mostrando que se ele fosse sujeito ao tempo, poderia melhorar ou piorar, mas porque é a própria perfeição absoluta, então não muda.

Se Deus mudasse as promessas, isto feriria o princípio da fidelidade, colocando em descrédito as promessas, o caráter e a supremacia e não ajudaria a entender que Deus não muda suas intenções ou natureza, de acordo com as situações humanas. Nesse entendimento, concorda-se com Severa ao dizer que “a fidelidade de Deus tem a ver com a firmeza de suas promessas, pois está atento a tudo quanto prometeu ao seu povo para cumprir”.⁵⁶

Santidade é um conceito que se refere a um estado de pureza, retidão e separação do pecado, muitas vezes associado a Deus ou a seres e lugares sagrados. A soberania é exercida de forma santa e justa, carregada da perfeição de Deus. Não há como não estar ligada à sua soberania e, é uma qualidade moral e espiritual superior, ela é uma característica intrínseca de Deus, é uma parte de sua natureza perfeita e imaculada.

A santidade de Deus é a base da moralidade e justiça divinas, e é também o padrão em que os seres humanos aspiram viver. Nesse sentido, cabe esclarecer que: “a santidade de Deus significa que ele está exaltado em majestade sobre todas as criaturas, separado de tudo e particularmente de todo mal”.⁵⁷

Além disso, a santidade que pode ser atribuída a pessoas, objetos, lugares ou rituais que são considerados sagrados ou consagrados em uma determinada tradição religiosa, não tem o mesmo sentido da que é atribuída a Deus. Por exemplo, os profetas, santos e lugares de culto podem ser vistos com teor de santidade, devido a sua relação com o sobrenatural, transcendente e ou mistério, conforme sua crença e declaração de fé e moral religiosa.

Há que ressaltar que a santidade de Deus, ela é um padrão que precisa ser buscado por seus discípulos, pois “quanto mais ciente da santidade de Deus, tanto mais consciência da pecaminosidade humana se tem”.⁵⁸ Há um direcionamento, uma ordem de ser santo, como Deus é santo (Lv 11.44).

A ideia de santidade também está frequentemente ligada a princípios de pureza e separação. Em Levítico 20.7-8 está escrito o seguinte: “Portanto, santificai-vos e sede santos,

⁵⁵ SEVERA, 2014, p. 57.

⁵⁶ SEVERA, 2014, p. 65.

⁵⁷ SEVERA, 2014, p. 61.

⁵⁸ SEVERA, 2014, p. 61.

porque eu sou o Senhor, vosso Deus. Guardai os meus estatutos e cumpri-os. Eu sou o Senhor que vos santifico”. Aqui, há um propósito e que precisa ser observado por aqueles que amam e temem ao Senhor.

Deus revela que a santificação é um princípio que estabelece uma ligação entre os humanos e ele. Sustentando essa ideia, o apóstolo Pedro escreve o seguinte: “Mas, assim como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em todo o vosso procedimento; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo” (1Pe 1.15-16). A santidade demonstra os valores e a moral do Reino e conduz o ser humano a aproximar-se de Deus.

Deus tem o governo do mundo em suas mãos e exerce esse domínio de acordo com o plano soberano e bom, mantendo assim a sua soberania sobre tudo o que existe. O atributo da bondade revela a qualidade da generosidade, compaixão e benevolência em relação a sua criação. Também, demonstra o amor incondicional, misericórdia e graça em direção à humanidade.

Deus é compassivo e cheio de misericórdia, perdoa todos que se voltam para ele, ao mesmo tempo em que concede a oportunidade de redenção aos arrependidos. Sem olhar para o mérito ou falhas, ele cuida da sua criação e supre as suas necessidades físicas e espirituais. Enviou o seu filho para salvar o mundo (Jo 3.16).

Deus, ainda, protege e guia, oferece sabedoria, direção e amparo em todas as áreas da vida. O salmista deixa claro o quanto se pode encontrar refúgio em Deus: “Provai e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia” (Sl 34.8). Wiersbe enfatiza que a ideia do verso é “conhecer melhor a Deus e desfrutá-lo cada vez mais”.⁵⁹ Mais adiante, afirma que: “O Senhor é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras” (Sl 145:9). Wiersbe esclarece ainda que o termo “todos” é central no Salmo 145, o que indica que Deus é Senhor de todos, não um “deus” de ação particularizada e limitada.⁶⁰

Deus manifesta a sua bondade através do perdão e oferece graça a todas as pessoas (Sl 103.8). A vinda de Jesus Cristo ao mundo é um ato da bondade de Deus, oferecendo à humanidade a salvação e a reconciliação com ele (Ef 2.8-9). Ele oferece sabedoria e proteção (Sl 23.1-3) aos que lhe buscam.

O Salmo 100.5 diz: “Porque o Senhor é bom, e eterna a sua misericórdia; e a sua verdade dura de geração em geração”. A bondade de Deus é uma fonte de conforto, esperança, gratidão e confiança para os cristãos, pois eles confiam na natureza compassiva e amorosa de Deus em todas as circunstâncias. Ela é motivo de louvor e adoração e uma motivação para uma vida de obediência e amor ao próximo.

A sabedoria de Deus é a fonte infinita de todo conhecimento e entendimento e, transcende a compreensão humana. No ser humano é entendida como sendo o conhecimento profundo, a capacidade de tomar decisões prudentes e a aplicação de princípios éticos em situações da vida. Ela vai além do simples conhecimento, envolvendo a habilidade de discernir, julgar e agir de maneira sensata e eficaz. A sabedoria está relacionada à inteligência

⁵⁹ WIERSBE, 2017, p. 155.

⁶⁰ WIERSBE, 2017, p. 352.

emocional, à compreensão de valores e à capacidade de aplicar o conhecimento de forma benéfica para si mesmo e para os outros.

A incompreensibilidade de caminhos de Deus e a profundidade da sabedoria e do conhecimento é revelada em Romanos 11.33, quando o apóstolo Paulo escreve aos romanos dizendo: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!" Isso evidencia que "Deus tem perfeito conhecimento de si mesmo e de tudo o que existe e acontece no tempo. Ele avalia seus próprios atos e intenções, bem como os de outrem. Sua autoconsciência é de grau muitíssimo mais elevado".⁶¹

A sabedoria de Deus tem aspectos peculiares: Deus possui um conhecimento completo e perfeito de tudo; o nível de sabedoria é infalível na tomada de decisões justas e sábias em todas as situações; com a sabedoria guia o curso da história, de acordo com sua vontade. Compete dizer que "nenhum ser humano é capaz de conhecer de todo a mente de Deus, e, quanto mais estudamos seus caminhos, mas lhe damos louvor".⁶²

Deus é o que providencia a salvação por meio de Jesus Cristo. "Por intermédio de Jesus Cristo, Deus demonstrou aos homens sua obra graciosa e salvífica como nunca, de maneira direta e urgente".⁶³ Jesus cumpriu a missão dada pelo Pai, de maneira completa e significativa.

A sabedoria equilibra a justiça em relação ao pecado e demonstra a graça e misericórdia de Deus. Jesus Cristo é a sabedoria de Deus, como está escrito em 1 Coríntios 1.24: "mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus"; e mais adiante o apóstolo Paulo diz que é em Jesus Cristo "em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Cl 2.3).

A crença na sabedoria de Deus é vista como uma razão para confiar em Deus e em seus caminhos, sabendo que age de acordo com sua sabedoria perfeita, mesmo quando não se entende completamente seus planos e propósitos. A busca pela sabedoria de Deus é vista como uma busca nobre, à medida que se busca compreender seus ensinamentos e viver de acordo com seus princípios. Por isso, a palavra orienta a buscar de forma contínua a sabedoria divina, "porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem o conhecimento e o entendimento" (Pv 2.6).

A forma que Deus exerce a justiça, retribuindo o bem e o mal, de acordo com a sua vontade, reflete à retidão, à imparcialidade e à equidade nas ações e nos julgamentos, baseando-se na moral perfeita em suas decisões e atos. "A justiça e o direito são a base do teu trono; a misericórdia e a verdade vão adiante do teu rosto" (Sl 89.14). "Justiça e retidão estão intimamente relacionadas com a santidade de Deus. Por ser justo e santo, Deus não pode ser amigo do pecado [...] Não há injustiça nas ações divinas. Tudo Deus faz segundo o seu próprio caráter, que é santo e justo".⁶⁴

⁶¹ SEVERA, 2014, p. 57.

⁶² WIERSBE, 2014, p. 722.

⁶³ VERKUYL, Johannes. A base bíblica do mandato missionário mundial. In: WINTER, R. W.; HAWTHORNE, S. C.; BRADFORD, K. D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 78.

⁶⁴ SEVERA, 2014, p. 62.

A justiça de Deus é inquestionável, imparcial na aplicação de leis e princípios, sem favoritismos e, é fiel e confiável, pois “Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos são justiça. Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é” (Dt 32.4). Fazer justiça agrada a Deus, tal como está escrito em Jeremias 9.24: “Mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me entender e me conhecer, que eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor”.

A justiça de Deus é a garantia de que ele age de maneira correta e justa em todas as circunstâncias com equidade e justiça, mesmo quando não se entende completamente seus propósitos. Lima diz que “a vontade de Deus é sábia porque ele sempre escolhe o que é melhor”,⁶⁵ em tudo que faz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fundamentação bíblica da soberania de Deus sobre a oração estabelece a base teológica cristã essencial para uma compreensão da comunicação entre o ser humano e o divino. Olhando para os textos como Mateus 6.10, que destaca a vontade de Deus como soberana no contexto da oração do Pai Nosso, e Tiago 4.15, que ressalta a submissão à vontade divina nas petições, percebe-se que a oração é intrinsecamente ligada à compreensão da soberania divina. Significa que não se pode comunicar-se com um ser que se desconhece a sua existência.

Neste entendimento, pode-se dizer que o princípio da soberania serve como alicerce para a prática da oração na vida cristã, pois ao reconhecê-la, ela capacita a orar com confiança, sabendo que as súplicas são feitas em harmonia com a vontade soberana do Criador.

A soberania de Deus não apenas molda a teologia da oração, mas também influencia diretamente a vida diária em comunhão com ele. Ao compreender que a oração eficaz é aquela que está alinhada com a soberana vontade de Deus, traz o encorajamento na busca de uma relação mais profunda e significativa com o Criador, moldando assim a prática da oração em um compromisso constante de submissão à soberania divina em todos os aspectos da vida cristã.

A soberania não é uma barreira à prática da oração, mas um meio de comunicar e relacionar-se com Deus. A oração é uma expressão da adoração, por isso que a sua prática precisa fazer parte da vida cristã, uma vez que ela traz unidade, intimidade e conexão direta com o Pai Celestial.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354 – 430. **A Doutrina Cristã: Manual de Exegese e Formação**. São Paulo: Paulus, 2022.

AGOSTINHO, Santo: **Os Fundamentos Ontológicos Do Agir** [recurso eletrônico] Matheus Jeske Vahl. Pelotas: NEPFIL online, 2016 (Série Disseratatio-Filosofia).

⁶⁵ LIMA, Alan Rennê Alexandrino. **Multiformes Manifestações da Soberania de Deus**. Teresinha: Seminário Teológico do Nordeste, 2005, p. 68.

ARNOLD, Johnathan. **10 Coisas que Você Deve Saber Sobre a Graça Preveniente**. Por paleo ortodoxo em Arminianismo, Graça Preveniente, Jacó Armínio, Teologia Arminiana, Wesleyano postado em 20 de julho de 2023. Disponível em: <https://paleoortodoxo.wordpress.com/category/jaco-arminio/> Acessado em Junho de 2023.

BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

BLANCHARD, John. **Pérolas Para a Vida**. Cerca de 5000 citações que servem de inspiração para comunicadores cristãos. São Paulo: Vida Nova, [s.a]. Disponíveis em <https://missaoneemias.webnode.com.br/frases-notaveis/> acessado em Junho de 2023.

CORSI, Uellinton Valentim. Origem do mal segundo Santo Agostinho: uma perspectiva judaico-cristã. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 05, Vol. 01, pp. 131-152. Maio de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/origem-do-mal> acessado em Junho de 2023.

CRISTÃ EVANGÉLICA. **Quão Grande é Tu!**: estudos sobre Deus e Seus Atributos. Bookwire: Cristã Evangélica, 2020.

DA COSTA, Hermisten Maia Pereira. **O Pai Nosso**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

DICIONÁRIO Bíblico Wycliffe. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Razões para o estudo sobre o objeto cosmovisão em sua vertente cristã bíblica direcionadas à formação humana. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org). **Estudos Temáticos sobre cosmovisão cristã**: olhares sobre diferentes áreas da vida. Curitiba: Olsen, 2021.

FOULKES, Francis. **Eféios**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GEISLER, Norman. **Eleitos, mas livres**: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre arbítrio. Tradução Heber Carlos de Campos. 2.ed. São Paulo: Vida, 2005

HAYFORD, Jack W. **Orar é conquistar o impossível**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2008.

HYBELS, Bill. **Ocupado demais para deixar de orar**: diminuindo o ritmo para estar com Deus. Campinas: United Press, 1999.

ISCED. **Manual de Política Internacional**. 4º ano do Ciência Política e Relações Internacionais. Beira: ISCED, 2017.

LAWSON, Steven. **Fundamentos da graça**. Tradução Odayr Olivetti. São José dos Campos: Fiel, 2012.

LICOVA, Sérgio. **A necessidade do homem orar**. Beira: s.n., 2018.

LIMA, Alan Rennê Alexandrino. **Multiformes manifestações da soberania de Deus**. Teresinha: Seminário Teológico do Nordeste, 2005.

MACDONALD, William. **Comentário Básico do Novo Testamento**: um recurso prático que vai ajudá-lo a compreender e viver a Bíblia. Rio do Sul: Actual, 2015.

MANUAL de Ciência Política. Disponível em <https://trilhante.com.br/curso/ciencia-politica>, dia 20 de junho 2023.

MURRAY, Andrew. **Com Cristo na escola de oração**. Traduzido por Elenir Eller Cordeiro. São Paulo: Clássicos, 2009.

O'DONOVAN Jr, Wilbur. **O Cristianismo Bíblico da Perspectiva Africana**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1999.

PACKER, J. I. **A Evangelização e a Soberania de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

PINK, Arthur W. **Deus é Soberano**. Tradução do espanhol para o português realizada por Daniela Raffo. São José dos Campos: Fiel, 2007.

PINK, Arthur W. **Os atributos de Deus**. São Paulo: PES, 1985.

PIPER, John. **A Soberania de Deus**. tradução: Camila Rebeca Teixeira. Postado em 30 de agosto de 2018. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/a-soberania-de-deus-2/>. Acessado em junho de 2023.

QUINTINO, Pedro. É coordenador e professor do Curso de Direito do Centro Universitário do Norte Paulista (Unorp) em São José do Rio Preto. Disponível em <https://trilhante.com.br/curso/ciencia-politica>. Acessado em junho 2023.

ROMÃO, Filipe Vasconcelos. **A transformação do conceito de soberania a emergência política e legal das «autonomias-ação» no quadro da Constituição espanhola de 1978**. Disponível em https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri39/n39a12.pdf.

RYLE, J. C. **Um Chamado à Oração**. Bookwire: Letras, 2016.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática**. Curitiba: ADSantos, 2014.

SHEETS, Dutch. **Oração intercessória**: como Deus pode usar suas orações para mover o céu e a terra. Rio de Janeiro: Luz às Nações, 2014.

SPURGEON, C. H. **Seleções da biblioteca de Spurgeon**: Sofrimento. Bookwire: Pão Diário, 2021.

TOZER, A. W. **Em Busca de Deus**. São Paulo: Vida, 2017.

VERKUYL, Johannes. A base bíblica do mandato missionário mundial. In: WINTER, Ralph W; HAWTHORNE, Steven C; BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

VIEIRA, Thiago Da Silva. **João Calvino e a oração**. disponível em <https://teologia.presbiteriana.home.blog/2019/10/15/joao-calvino-e-a-oracao/> Acessado em maio de 2023.

WALSH, Sheila. **Em meio ao caos**: encontrando forças em Deus para vencer as dificuldades da vida. Tradução Cesar Luiz Pagani. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Poéticos**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017.

WIERSBE, Warren W. **Proféticos**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017.

XAVIER, Erico Tadeu. Agostinho de Hipona e a história do cristianismo: breve estudo de sua vida, influência e teologia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 05, Vol. 01, p. 25-40. Maio de 2019.

YANCEY, Philip, STAFFORD, Tim. **Desventuras da vida cristã**: as dificuldades existem, mas o final pode ser feliz. Traduzido por Jorge Camargo. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

YANCEY, Philip. **Oração**: ela faz alguma diferença? Tradução Almiro Pisetta. São Paulo: Vida, 2007.